

Os Estagiários do Crime

ROBERTO ARAÚJO

Os Estagiários do Crime

Romance



Os estagiários do crime
Copyright © 2013 by Roberto Araújo
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS PARA

Editora Europa

Rua MMDC, 121
São Paulo, SP
www.europenet.com.br



Editor e Publisher Aydano Roriz
Diretor Executivo Luiz Siqueira
Diretor Editorial – livros Mário Fittipaldi
Revisão Cátia de Almeida
Edição de Arte Jeff Silva
Imagem de capa © Serov/ Shutterstock

Dados Internacionais de catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Araújo, Roberto

Os estagiários do crime : Romance / Roberto
Araújo. — 1. ed. — São Paulo : Editora Europa, 2013.

ISBN 978-85-7960-179-8

1. Romance brasileiro I. Título.

13-06633

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira 869.93

Atendimento ao Leitor Fabiana Lopes – fabiana@europenet.com.br
Livrarias Flávia Pinheiro – flaviapinheiro@europenet.com.br
Promoção Aida Lima – aida@europenet.com.br

Este livro foi produzido com papel proveniente de fontes renováveis

*Para Shirley,
com quem compartilho a vida.*

*A primeira metade da nossa vida
é estragada pelos pais e
a segunda, pelos filhos.*

Clarence Seward Darrow (1857-1938)
Advogado criminalista

Sumário

Prólogo	13
1. O alvorecer do dia que vai mudar a vida de Guido Ghirardello para sempre.....	20
2. A velha senhora libanesa abre seu coração para a menina dos cabelos vermelhos.....	29
3. O estupro da universitária por um policial, um terrível episódio que não saiu nos jornais	41
4. Pobre menina pobre, obrigada a fazer de tudo para tentar ser alguém na vida.....	54
5. A incrível história de Amanda, a artista talentosa, porém covarde, que morria de medo de sexo.....	67
6. Estudante de Direito que só queria se divertir e ganhar uma graninha toma flagrante por tráfico de droga	75
7. Filho briga com pai por causa de negócios e vai relaxar em café de garotas de programa	82
8. Mulher mais que perfeita, que só teve um homem na vida, descobre que o marido vestia uma calcinha	90
9. Empresário colecionador de carros fica sabendo que vai ter de enfrentar uma guerra comercial suja	102
10. Sexo por muito dinheiro leva a vários tipos de loucuras.....	111
11. Família classe média tem de se adaptar às regras da prisão e sofre choque cultural.....	122
12. Artista enciumada mistura fantasia e realidade.....	131
13. Brandão dá uma incerta e Bia cai nas artimanhas do velho advogado	138
14. Uma proposta imoral em Paris	143
15. A horripilante história da mulher que se assombrou no cemitério	149
16. Amor, estranho amor, que acontece mesmo quando não era para acontecer	156
17. Evelyn aceita ser títere para enganar o próprio pai	163
18. O traficante que foi concebido por pais doidões	168

19. Sessão magna branca faz Guido sentir saudades do Exército	176
20. Pasta de dentes no lugar errado acaba com amizade de infância.....	184
21. Evelyn, entre dois amores, acaba coberta de porrada	188
22. Amanda faz uma visita à velha senhora e causa espanto em centro espírita	194
23. Uma nova amizade entre a garota de programa e o traficante do PCC	199
24. A velha e a louca se encontram para uma tarde de amor. E os fantasmas se divertem.....	204
25. Os gatos não se apegam a você, mas à casa	211
26. No hospital, dormindo com o inimigo	216
27. Bia e seus amores mais que imperfeitos.....	223
28. O pesadelo de Amanda	229
29. O cerco se fecha em torno de Evelyn	233
30. Cabelos, cabelos meus e outros assuntos que tanto aproximam as mulheres.....	238
31. Cenas de um sequestro	243
32. Fátima quer casaco de peles e brincos de diamantes	252
33. Um homem, duas mulheres	256
34. O trauma de quem ultrapassa os próprios limites.....	260
35. As longas horas em um cativeiro	263
36. A melhor coxinha da cidade.....	269
37. Semana roubada.....	273
38. Entre o revólver e o pincel	276
39. De volta ao vício.....	284
40. O que a droga uniu.....	289
41. Tudo é um bom pretexto para acabar com a solidão de uma mulher	303
42. De olhos bem fechados, Guido enxerga, finalmente.....	312
43. Festa de formatura, ou a troca de guarda de uma geração	324
Epílogo.....	336
Agradecimentos	341

Prólogo

Não havia mais tempo. Os relógios estavam todos parados. Tanto fazia se era dia ou noite. Desapareceram os segundos, os minutos e as horas. Só haviam aqueles pés fedidos em frente ao seu rosto quando tentava dormir de valete no colchonete da *burra*. Era esse o castigo, pensava o universitário. A prisão suprimia o tempo, estancava a vida.

Raul já tinha experimentado muitos tempos. A maconha deixava os ponteiros preguiçosos, o *ecstasy* provocava rodopios, a cocaína disparava os momentos. Antes, gostava de acordar tarde, repousar das noitadas de baladas, drogas e sexo. Agora, quando os pés saíam da frente do seu rosto, sabia que também ele devia se levantar. O tempo estava parado, mas, mesmo assim, ele era obrigado a viver e cumprir as rígidas normas impostas pela facção criminosa que dominava o presídio.

Traficante. Ele era o Artigo 33, com seus 18 verbos que desfilavam no Código Penal, do “importar” ao “fornecer” drogas. Raul sabia todos eles, havia decorado. Que saudade do tempo que passava devagar nas longas aulas da Faculdade de Direito, curso agora trancado, enquanto ele aguardava enjaulado o dia do julgamento.

Ali a *faculdade* era outra: a *palestra* que os presidiários antigos faziam para os novatos, quando explicavam o *proceder* na cadeia:

— Aê, para se dar bem vai ter de ser um *homem de proceder* na sua *caminhada* — disse o *ladrão*.

— *Homem de proceder?* — repetiu Raul. — *Caminhada?* Do que você está falando?

— Vou te explicar, ô mané. *Homem de proceder* é o ladrão que faz o que deve fazer, com honradez. É por esse *proceder* que você vai fazer o seu nome por aqui. O mais importante de tudo é a paz entre os ladrões e a guerra contra a polícia.

— E a *caminhada*? — quis saber Raul.

— Você vai caminhar ao lado do Comando. Você é *primo*, como chamamos aqui os ladrões que não fazem parte do PCC. Quem é do Comando é *irmão*.

Outra língua, outras regras. Falar com um *senhor*, um agente penitenciário, era totalmente proibido. Só os *pilotos*, os responsáveis pelas alas, podiam dirigir-se a eles, normalmente para reclamar dos procedimentos, rotineiramente cruéis e desrespeitosos. A moeda de troca era a rebelião, caso os pedidos não fossem atendidos. Colchões seriam queimados, o prédio depredado, fariam reféns, ameaçariam matar. Helicópteros das redes de tevê rondariam o presídio em transmissões diretas para os telejornais. Tornariam um inferno a vida dos políticos e dos responsáveis pela prisão.

— Eu não sou ladrão — balbuciou o universitário —, fui preso por tráfico.

— Aqui todo mundo é *ladrão*, mané, não interessa o que fez no *mundão* — falou o rapaz de pele acobreada.

Peles de todos os matizes, negras, cinza, quase todas pardas. Só a dele destoava de tão branca, herança genética de avós russos. Teve de controlar o nojo: impossível não as tocar no congestionamento da cela, nos pés que só usavam sandálias de borracha, nas unhas sujas que dormiam na sua cara. Precisou aprender a controlar o nojo.

Seus pés brancos também dormiam à frente dos rostos dos diferentes matizes pardos. Pés que em outros tempos corriam em esteiras de academias, em maratonas e parques. Agora, o desejo

dos pés tão treinados era dar uma volta, apenas no quarteirão que fosse. Sem querer, deixou escapar o comentário. Os colegas do *barraco* fizeram a maior algazarra:

— Olha só, o *ladrão* quer dar uma volta fora das *muralhas* — repetiu zombando um mulato. — Conhecer o quarteirão.

— Só se for usando um pé de vento — sacaneou um negro entre gargalhadas.

Foi assim que Raul perdeu até o nome para se tornar Pé-de-Vento, apelido que odiava. Cometeu o erro de reclamar. O apelido grudou. Se os pés estavam encarcerados, precisava pelo menos conversar para tentar destravar o tempo. Fez amizade com Zoio-de-Gato, um mulato de 24 anos preso por assalto, cujo apelido veio dos expressivos olhos cor de mel que tendiam ao esverdeado.

Todo dia, sempre no mesmo dia. Todo café da manhã, o mesmo pedaço de pão e café com leite. Todo almoço, a mesma gororoba insossa e insípida de carne moída, arroz, feijão e batata, que o *faxina* recolhia com o *senhor* e distribuía aos presos. Sempre a mesma roupa encardida e fedida que ele teve de aprender a lavar antes de descobrir que esse era um trabalho que as *monas*, os travestis, realizavam com gosto em troca de alguns trocados, um maço de cigarros, um baseado fumado pela metade.

De todas as descargas químicas que Raul já tinha experimentado, nenhuma sequer se aproximava da sensação de ver sua mãe e seu pai se aproximarem em um dia de visita na prisão. Eles tinham o maior dos poderes: como traziam as notícias do *mundão*, faziam os ponteiros do relógio voltar a girar.

Salivava. Via nos braços da mãe o *jumbo*. Ali devia ter pastéis, macarronada, frango frito com alho, o purê de batatas com calabresa moída que ele tanto adorava. Foi assim também naquele domingo.

— Pronto, meu filho — disse Simone. — Trouxe aquele sanduíche de pernil de que você gosta. Tem também pudim, um pouco desmanchado pela inspeção, tem...

— Mãe, me dá logo esse sanduíche de pernil. Não como nada desde ontem. Tenho vontade até de vomitar cada vez que vejo a maldita quentinha com aquele arroz, feijão, carne moída e batata.

— Come, meu filho, come, tem bastante até para dividir com os colegas de cela, conforme pediu.

Virou-se para o pai e perguntou:

— E então, pai, quando eu saio? Você não falou que o tal Dr. Brandão iria me soltar, que você tinha liberado uma grana para ele subornar alguém? Até agora nada. Parece que eu vou ficar aqui para sempre.

— Não vai, não — falou Dorival. — Ainda ontem o Dr. Brandão falou que arrumou um novo contato. O problema foi que o primeiro pegou a grana prometendo te soltar, mas desapareceu, parece que trocou de celular e não foi mais encontrado. Ele disse que agora vai funcionar. Logo você estará em liberdade, Raul.

— Pai, nem Raul eu sou mais. Agora eu sou Pé-de-Vento, um apelido horroroso que inventaram para mim.

— Para mim você será sempre o Raul Seixas Micheev da Silva — cortou Dorival.

— Pé-de-Vento? — interveio Simone. — Não teve uma novela na TV Bandeirantes com esse nome? Eu vi, era a história...

— Para, mãe! Não encane numas. Você acha que eu estou interessado em novela? Aqui a realidade é foda.

Ali, um olhar podia ser a sentença de morte. Uma visita podia passar à vontade, nua que fosse, e todos, rigorosamente todos, abaixariam a cabeça. Especialmente se estivessem na fila do *pegar-ratão*, o banheiro onde os casais se resolviam caso não tivessem uma cama na cela previamente combinada para a visita íntima.

Para quem se atrevesse, um simples olhar era deslize gravíssimo e seria preciso *pagar consequência*.

Ainda assim, era possível usar o nariz. Depois do cheiro do pernil, do alho do frango frito, do pastel, Raul deu-se por satisfeito da comida da mãe. Até suava, aquecido pela pimenta dedo-de-moça. Só então seu nariz ficou livre para sentir a fragrância da morena que passou perto deles para se encontrar com Zoio-de-Gato.

Mulher. Precisava de uma mulher. Prisioneiros não têm vergonhas, têm necessidades urgentes. Ele agora precisava de Evelyn.

— Mãe, e a Evelyn, conseguiu falar com ela?

Simone ficou em silêncio. Depois levantou os olhos, fitou o filho e falou em voz baixa:

— Deixei recado na caixa postal. Ela demorou, mas retornou a ligação. Está de férias em Paris. Disse que volta dentro de algumas semanas. Garantiu que vai pensar no seu pedido de vir até aqui.

— Cadela — xingou Pé-de-Vento. — Eu apodreço nessa jaula e ela se diverte em Paris. Ô mulher filha da puta... Os irmãos vão acabar me dando um *psicológico* para eu aderir ao PCC. Pelo menos eles são leais entre si.

Dorival olhou assustado:

— Não, meu filho, não faça isso. Pelo amor de Deus. Você não é bandido, eles são. Você é um estudante de Direito do Largo São Francisco, uma das mais tradicionais faculdades do Brasil. Só teve a infelicidade de ser preso por uma bobagem. Uma injustiça.

As semanas se sucediam, cada vez mais lentamente. Pé-de-Vento melhorava sua compreensão do esquema social da prisão. Zoio-de-Gato, o companheiro de todas as horas nos longos dias, explicava que o PCC, ou 1533, por “P” ser a décima quinta letra do alfabeto e “C”, a terceira, era o pacificador, o responsável por acabar com a violência entre os presos:

— Se não fosse o Comando para botar ordem na prisão — advertiu Zoio-de-Gato — a essa altura você, todo *playboy*, todo branquinho e arrumadinho, já tinha virado mulher de um monte de negão e tava todo arreventado. O Comando determina no seu Estatuto que um *ladrao* tem de ser honrado, ser um *homem de proceder*, e, portanto, não pode ser forçado a dar o rabo. Está no artigo 8, que também proíbe assalto e extorsão dentro da cadeia.

A cada dia Raul se surpreendia com a estrutura do PCC. Apesar de chamar Comando, não tinha um comandante. Quem mandava eram as *Torres*, que podiam estar em qualquer lugar e emitir os *salves* com o *proceder* adequado aos *irmãos*. Dessa forma, a polícia não tinha como achar o líder, já que não havia líder; *Sintonia* era o apelido do responsável pela comunicação.

Zoio-de-Gato, como todos que estavam na cadeia, não *pagava contribuição*, mas quem estava no *mundão* pagava seiscentos reais por mês. Raul ganhou um impresso com o estatuto do PCC e sentiu o rigor da facção no seu artigo 7: “Aquele que estiver em liberdade bem estruturado mas esquecer de contribuir com os *irmãos* que estão na cadeia, serão condenados à morte sem perdão”, assim mesmo, com erro de concordância e tudo. Quando havia desentendimento entre os presos, era a hora de *esticar o chiclete*. O *faxina* tentava resolver dentro da cela. Se não conseguisse, levava ao *piloto*, que funcionava como um juiz do caso. E *pagar consequência* era inevitável.

De todos os membros, só um não podia ter envolvimento com a polícia: o *contabilidade*. Este, além de um generoso salário, tinha de ser totalmente limpo, jamais ter tido passagem policial. Assim podia cuidar do dinheiro arrecadado junto aos *irmãos*. Da mesma forma, os advogados da facção eram poupados ao máximo para evitar suspeitas.

Logo que chegou à prisão, Raul foi sondado também pelos evangélicos. Ofereciam a salvação eterna, falavam muito do diabo, viviam com a Bíblia debaixo do braço, em cultos intermi-

náveis, esperando o dia de tudo melhorar. Com a graça de Deus, amém Jesus. Mas, esses, Pé-de-Vento achava hipócritas demais. Assassinos no *mundão*, convertidos em anjos ao ir para trás das grades.

Um sentimento quase religioso tomou conta de Raul quando viu Evelyn entrar com Dorival e Simone para a visita de domingo. Finalmente podia olhar uma mulher de cima a baixo, os cabelos curtos, loiros e aquele *piercing* na sobrancelha com o qual nunca se acostumara. Imaginou os seios escondidos pela camiseta branca, o sexo guardado dentro da calça jeans mal preenchida pela menina magra e franzina que mais lembrava um garoto. Saudou:

— Evelyn, finalmente... — foi o que conseguiu balbuciar.

Lambuzou-se no sanduíche de calabresa com vinagrete. Conversou com os pais, quase sem desviar os olhos da garota. O mais rápido que pôde, chamou-a para a sua cela. Puxou a cortininha improvisada com uma toalha que escondia a cama, acendeu um baseado, algo que jamais faltava para todos os presos. Evelyn ficou relutante:

— Pare com isso, Raul. Até ontem eu estava em um hotel de luxo em Paris. Você acha que eu vou trepar com você aqui nesta cela imunda?

— Qual é! Você me deve uma boa foda, sua vadia. Depois de tudo o que aprontou, é o mínimo que pode fazer por mim.

A patricinha pensou em Paris; Raul, em quando atravessaria aqueles muros. Cada um no seu tempo, enroscaram seus ponteiros esquecidos dos minutos e das horas, num beijo sôfrego, trêmulo e alucinado. A vingança podia esperar.

Capítulo 1

O alvorecer do dia que vai mudar a vida de Guido Ghirardello para sempre

Acordou bem-disposto. Ao seu lado, Amanda dormia com o sexo escondido pela calcinha bege. Envolveu a mulher em um abraço. Ela se mexeu um pouco, mas não acordou. Olhou seu quarto na penumbra da manhã. Era espaçoso, confortável, com uma belíssima vista do Parque do Ibirapuera, que podia ser contemplado da gostosa sacada, agora fechada por uma porta de correr, escondendo uma manhã tropical. Casado há sete anos, sentia-se um homem feliz no amor e nos negócios. A conta bancária do Dr. Guido Ghirardello estava bem recheada, o escritório de advocacia ia de vento em popa. Nunca se arrependera de haver se especializado na área criminal.

A maior parte dos clientes que defendia era gente que se envolvia com tráfico de entorpecentes. Jovens, quase sempre. As famílias, horrorizadas, pagavam qualquer dinheiro para evitar que os rebentos tão bem-criados, com acesso aos melhores colégios particulares, acabassem nas tenebrosas prisões medievais do sistema carcerário brasileiro. Alguns pais não vacilavam em vender casas de veraneio, automóveis, qualquer propriedade que tivessem para fazer frente às despesas ou à corrupção dos policiais. Tudo, menos abandonar os filhos na cadeia.

Por conta da franca expansão do mercado de drogas, os advogados criminalistas tinham cada vez mais serviço. Às vezes, Guido achava que toda a sociedade girava em torno das drogas. Pesadas como cocaína, *crack* ou *ecstasy*, para os de espírito mais fraco; álcool e maconha, para os que conseguiam exercer algum controle

sobre as tentações do vício. Pelo jeito, o prazer idílico induzido pela sociedade moderna não havia sido planejado para pessoas sóbrias.

Outra especialidade da sua banca era o Direito de família. Deliciava-se com as separações litigiosas. Adorava descobrir os estranhos caminhos pelos quais o amor se transformava em ódio visceral. Quando o mundo perfeito sonhado e jurado nas cerimônias repletas de pompa e circunstância se chocava com o cotidiano tedioso, não havia vingança suficiente para aplacar mágoas e trocas de acusações pelo fracasso. Quando o cliente era a esposa, sempre recomendava ao advogado designado para o caso tomar tudo do marido, deixar o infeliz na miséria. Já se o cliente fosse o marido, não escondia que faria qualquer coisa para conseguir que a esposa fosse mendigar pelas ruas. Dele, não tomaria um centavo. E os filhos, pobres filhos, sempre os pivôs das desavenças. Enquanto os casos se arrastavam, as finanças do escritório melhoravam cada vez mais.

Fazia também um pouco de Direito empresarial. Nesses casos, a disputa não era só pelo dinheiro, mas também pelo poder. Havia contratos, as coisas pareciam combinadas. Só que mal combinadas, conforme ele comprovava todos os dias. Os motivos das brigas entre sócios eram, na grande maioria dos casos, os mais mesquinhos.

Era para isso mesmo que os advogados foram inventados, felizmente. Desgraça de uns, alegria de outros.

Lembrou-se de Bia, a estudante de Direito que estagiava no seu escritório. Ficou excitado na hora. Tinha comido a funcionária só uma vez. Foi no dia que tinham uma audiência no interior. Entusiasmados pelo bom andamento do caso, celebraram com alguns chopes num bar próximo do Fórum, acompanhados de linguichinhas com cebolas fritas, camarões empanados e o favorito de Guido, biroguetti à bolonhesa.

— Uma delícia, Bia — explicou o advogado glutão quando estavam no bar. — Biroguetti é um quitute feito com espaguete à bolonhesa, acompanhado de linguiça de porco mineira, molho de queijo, pimenta-malagueta, mostarda e azeitonas pretas. Eu adoro porque mistura a minha amada cozinha italiana com as delícias da comida mineira.

— Ah, Dr. Guido, eu como pouco — desculpou-se Bia. — Mulher, né? Tenho de ficar magrinha.

Guido se deliciava. Bia não deixou de reparar:

— Nossa, Dr. Guido, o senhor come com um entusiasmo...

— Adoro comer — concordou Guido com a boca cheia. — E pare com esse negócio de senhor e doutor.

— É uma questão de respeito. Você é meu patrão e muito mais velho que eu.

— Hoje estamos festejando. Quando estivermos sozinhos, me chame apenas de Guido. Não sou assim tão mais velho que você. Sou, isso sim, gordinho, espero que não se importe.

Bia abriu um sorriso:

— Eu gosto de homens gordinhos. — Bia olhou com seus olhos verdes direto nos olhos castanhos de Guido.

O advogado sorriu, satisfeito. Teve certeza de que ela não se importava com o barrigão quando aceitou continuar a celebração no pequeno e acolhedor motel à beira da estrada.

Guido gostou. Queria comer a jovem estagiária novamente.

Não, não. O casamento não estava em crise, apesar das dificuldades sexuais de Amanda, sempre escondendo seu sexo. Só não tinha como resistir àquela carne nova e cheirosa que passeava pelo seu escritório. Homem precisa variar até para manter a chama acesa em casa, pensava, já se achando um cínico. Gostava de imaginar que só ele sabia que o cinismo era uma doutrina criada pelo gregos. Ideia dos filósofos Antístenes

de Atenas e Diógenes de Sínope, que viveram cerca de 400 anos antes de Cristo e foram os fundadores da doutrina filosófica dos *kunismós*, que depois em latim seria *cinismus*. Eles garantiam que era impossível conciliar as leis e convenções morais e culturais com as exigências de uma vida segundo a natureza. Uns cínicos, certamente.

No calor matinal da cama, arriscou uns carinhos mais ousados na mulher. Amanda resmungou uns protestos, ainda meio dormindo, e logo estavam transando na escuridão completa do quarto. Ele quis abrir um pouco a porta de correr para apreciar melhor o corpo da mulher. Ela não permitiu. Devagarinho, tentou novamente dar alguns beijos na intimidade dela. Amanda afastou sua cabeça. Também não quis beijo na boca. Não tinha escovado os dentes, desculpou-se. Apressou o marido. Mandou acabar logo. Foi o que ele fez, decepcionado. Tudo bem. Ele já estava acostumado.

Guido sentiu a fome aumentar. Pensou no café da manhã. Levantou, tomou banho, vestiu o terno risca de giz e deu seu clássico nó windsor na gravata listrada de azul e vermelho que a mulher colocou sobre a cama, junto à mala com as roupas de ginástica. Guido preparou umas panquecas bem caprichadas, que encheu de geleia de morangos e regou com xarope de *maple* canadense. Comeu junto com a mulher, desejou-lhe bom-dia e foi trabalhar. Amanda, ainda no portão, recomendou:

— Vá à academia. Lembre-se, o médico disse que os exercícios são muito importantes para controlar o seu colesterol.

Pôs-se a caminho do escritório. Dirigia um carro automático, que exibia no porta-malas traseiro um adesivo com o símbolo do compasso e do esquadro com um “G” no meio. Discreto, como convém. Os não iniciados nada viam. Voltou a pensar em Bia. Comer a própria mulher não tinha adiantado nada. Ainda mais aquela trepadinha micha. Tesão tem dono. E ele continuava com tesão pela estagiária que gostava de sexo com a luz acesa e se abria toda para tudo o que ele quisesse. Pensou que essa não era, cer-

tamente, a melhor forma de aprimoramento moral e intelectual. Mas fazer o quê? Decidiu. Iria almoçar com ela.

Marido descuidado toma flagrante

A manhã foi agitada no escritório. Uma viúva apareceu desesperada. Relatou que tinha contratado um advogado, um tal Dr. José Roberto Brandão, assinado procuração, e sido vítima de um golpe. Ela era de uma família de portugueses, donos de padarias, apartamentos para alugar, carros, um bar e um hotel. Tudo agora, porém, era do advogado. A pobre viúva, enquanto chorava a ausência do falecido, nada notou. Foi só assinando o que o vigarista mandava. Guido se comoveu com o desespero da viúva, agora na miséria. Conhecia o Brandão há muito tempo, sabia do que ele era capaz. Propôs que a viúva nada pagasse de adiantamento. Ao final do processo Guido ficaria com 10% do que recuperasse, a título de honorários. Fora despesas, é claro.

Enquanto falava com a viúva Euclídia, Guido fez questão que Bia ficasse ao seu lado na imensa e refinada sala de reuniões do escritório. De vez em quando, por baixo da mesa, passava a mão pelas pernas da moça. Adorava o contato com as finíssimas meias de seda.

Bia aceitou o convite para o almoço. Ainda passou pela cabeça de Guido pegar o carro e ir a um lugar discreto. Mas seus pensamentos estavam atrapalhados pelo excesso de testosterona. Achou que seria melhor dar uma caminhadinha do escritório até a Família Mancini, uma das suas cantinas favoritas. Quase sempre lotada, mas a comida valia a pena.

Almoçaram massa verde com molho de tomate ao basilico, precedida de uma generosa porção de antepasto. Bia, sem querer, deixou cair uma gota de molho vermelho na blusa branca de grife. Bem na altura dos seios. Guido se apressou em pegar o guarda-

napo para tentar limpar, aproveitando para, discretamente, deslizar os dedos sobre os mamilos da moça que, rapidamente, se intumesceram.

Ao sair do restaurante, ainda inebriado pelo perfume da jovem e pela magia toscana de algumas taças de Brunello de Montalcino, não resistiu e pegou a mão da moça enquanto caminhavam. Na esquina da Avanhandava com a Augusta, apesar do movimento de pedestres, parou no meio da calçada, olhou fundo nos olhos dela e deu-lhe um beijo na boca. Quando levantou os olhos, viu, do outro lado da rua, sua mulher, Amanda. Ela olhava diretamente para eles, de boca entreaberta. Guido sentiu-se empalidecer. Bia continuava com a cabeça no seu ombro, esperando o segundo beijo.

Desvencilhando-se do abraço, Guido virou as costas e correu. Com toda a velocidade que sua robusta cintura permitia. Arfando, desviava dos pedestres. Quase foi atropelado ao atravessar a rua, o paletó do terno esvoaçando. Não olhou para trás. Precisava desaparecer de cena, sabia.

Guido usa a força bruta da mentira

À noite, chegou em casa como sempre. O terno pendurado em um cabide, sacola de ginástica com a marca da academia, local onde mais socializava do que malhava, banho tomado.

— Oi, querida, cheguei! — Abriu o sorriso de sempre.

Amanda veio com o passo acelerado, quase correndo, direto da edícula do sobrado transformada em estúdio de arte, onde pintava e esculpia. Falou entredentes, quase gritando:

— Eu não acredito que você está chegando em casa desse jeito, na maior cara de pau.

— Ué, por quê? Nossa, como eu trabalhei hoje. Estou exausto. Quer tomar um vinho comigo enquanto preparo um minestrone?

— Vinho? Como assim, tomar um vinho? Eu dou o maior flagrante em você com aquela vadia da sua estagiária, a Bia, não é?, você sai correndo feito um maluco, eu passo a tarde inteira ligando para o seu celular, você não atende e agora vem com esse papo de vinho?

— Espera aí. Eu não sei do que você está falando. Flagrante? Que flagrante? Mal vi a Bia hoje. Tive que ir com uma viúva ao Conselho da Ordem dos Advogados denunciar um advogado vigarista e por isso desliguei o celular. Nem almocei.

— Não é possível. Você não está fazendo isso comigo. Não posso acreditar. Eu vi, ninguém me contou. Mesmo que você seja o maior mentiroso do mundo, jamais vai me convencer de que eu não vi você beijando aquela moça na boca em plena rua Augusta.

— Eu? Beijando a Bia? Ora, Amanda, a Bia é vinte anos mais nova do que eu. Você acha que iria me envolver com uma funcionária?

— Eu não acho nada. Eu vi!

— Querida, você está nervosa. Calma, pense comigo. Você sempre foi ciumenta. Você foi falar com a Bia?

— Claro que não. Não iria me rebaixar tanto.

— Então, quando a gente tem um sentimento pelo outro muito forte, fica fantasiando, se deixando contagiar pelo medo. Possivelmente você viu um casal qualquer se beijando e imaginou que fosse eu e a Bia.

— Ah, é? Então quer dizer que eu olho um desconhecido beijando uma mulher na rua e, quando ele me vê, sai correndo feito um alucinado? Ora, Guido, faça-me o favor... Você está dizendo que eu sou louca, que estou vendo fantasmas, é isso? — Amanda estava aos berros. — Não bastam todos os segredos que você me esconde quando vai à loja da maçonaria, quando me deixa imaginando coisas. Agora está dizendo que eu estou maluca, que meus olhos estão me enganando?

— Claro que não. Mas é que a gente se engana com uma enorme frequência — disse Guido, abaixando um pouco o volume da voz.

— Era você, com certeza. A mesma gravata listrada de vermelho e azul que eu escolhi para você hoje cedo.

— Gravata listrada? Olhe aqui pendurada sobre o terno no cabide, a gravata é azul, de bolinhas brancas — o advogado recuperava a voz e, agora, falava com ênfase.

A mulher tinha feito a observação certa. Do jeitinho que ele tinha planejado. Guido lembrou-se da gravata listrada escondida no fundo da bolsa de ginástica. Pensou na sorte que teve ao encontrar uma gravata azul de bolinhas igualzinha à que tinha no armário. Comprar sempre na mesma loja tinha suas vantagens. Só que agora tinha duas gravatas azuis, uma ali no cabide à sua mão e outra no armário. Precisava sumir com uma delas na primeira oportunidade, antes que Amanda notasse as duas idênticas — mas ela não seria tão esperta, ou pelo menos não tão rápida.

— Veja. Esta foi a gravata que usei hoje. Você mesma escolheu.

— Você está me deixando confusa. Não faça isso comigo não — suplicou a mulher, com os olhos cheios de lágrimas, que enxugou com gestos rápidos e raivosos.

— Meu amor, vamos supor, só por um minuto, só supor, que o que você diz ter visto seja verdade. Vamos supor também que eu confessasse: sim, tenho um caso com a Bia. O que a gente iria fazer? Acabar com o casamento? Com esta vida maravilhosa que temos juntos? Não mais dividirmos esta linda casa, ficar discutindo pensão em um tribunal...

— Eu amo a minha... a nossa casa... a nossa vida, mas não posso viver uma mentira. Nosso casamento não pode ser uma mentira — ela balbuciou.

— Mas não é mentira. É uma injustiça isso que você está fazendo. De manhã a gente transou tão gostoso... Para que, poucas horas depois, eu iria querer sair com outra mulher? Eu não sou um tarado. Você me satisfaz plenamente — mentiu o advogado.

— Guido, será que eu andei vendo coisas? Não é possível... — gemeu Amanda, novamente entre lágrimas.

— Agora fiquei preocupado com tudo isso. Acho que a gente deveria consultar um psicólogo. Pode ser que você esteja com algum problema.

— Eu juro que vi. Não posso negar meus olhos.

— Deve ser outra coisa. Deixe disso. Você não viu nada. Sabe o que a gente deveria fazer?

— O quê?

— Abrir aquela garrafa de vinho. A gente esquece esse assunto para sempre. Nunca mais vamos falar nele. Se alguma vez você voltar a ter esse tipo de visão, ver fantasmas, aí a gente procura um médico. — E, tratando de mudar de assunto rapidamente: — Ah, deixa eu te contar as novidades. Além do caso da viúva Euclídia, veja que nome mais original, teve também o caso de uma briga entre o Dr. Steiner e os outros acionistas daquela grande rede de hotéis. O filho de um dos donos preparou o maior golpe para assumir o controle da empresa e deu tudo errado. Você vai ver como tem espertalhões e advogados filhos da puta neste mundo.

Guido falava rápido, com sua dicção impecável, enquanto pegava as taças, preparava o balde de gelo, procurava o saca-rolhas, ajeitava panelas, legumes e a massa. Quando Amanda conseguiu uma pequena brecha, disse apenas:

— Será que você não está me enrolando só porque sabe o quanto eu te amo?

— Esta noite farei de você a mulher mais feliz do mundo.

Animado pelo vinho, entretido com a mulher e o preparo do minestrone, Guido se esqueceu completamente das gravatas.